



OLHAR PARA O ESPELHO E ESTAR FELIZ COM O QUE VÊ: UMA BELEZA NORMALIZADA ATRAVÉS DE DICAS DE COMPORTAMENTO E ASSEIO PARA MULHERES EM UM MANUAL DE CONDUTAS (1950-1960)

Thalita Mariana ⁽¹⁾; Iranilson Buriti ⁽²⁾.

(Thalita Mariana Moura Ribeiro, Iranilson Buriti de Oliveira)

(Universidade Federal de Campina Grande, thalitamr@gmail.com, iburiti@yahoo.com.br)

RESUMO: Em manuais de condutas feitos nas décadas de 50 e 60 pela Editora Ediouro e relançados nos anos subsequentes pela mesma editora, eram estipuladas normas de condutas geralmente pensadas para perpetuar o que era compreendido por bons hábitos pelos seus autores, aqui nesta pesquisa objetivamos pensar um manual especialmente, “Aprenda as Boas Maneiras” escrito por Dora Maria (1961), nele analisaremos como foram desenhadas normas em referência à beleza feminina, e desta forma, pensar o que era compreendido como belo? De que modo eram representadas as normas? Pretendemos pensar a beleza e conseqüentemente as sensações de felicidade e/ou tristeza descritos nos manuais de condutas obtidas através das representações textuais. Para tanto, utilizaremos metodologicamente os conceitos de leitura e representação das fontes de Chartier, no sentido de que mediante a leitura desses manuais e subsequentes representações discursivas ao desejo de subjetivações das normas, a mulher leitora teria a possibilidade de pensar suas práticas, inclusive as referentes a beleza. Em consequência disto, a representação do sujeito é substancial para a subjetivação do belo e a boa performance percebida pela forma como se comporta, fazem circular a impressão de boas maneiras e refinamento. Uma mulher feliz, é uma mulher bela. Logo, pensar a etiqueta é muito mais do que vivenciar regras de conduta pré-determinadas e de como agir em diversas situações; etiqueta é primeiramente intrínseca, subjetiva. Portanto, as subjetividades reveladas pela elegância feminina e a conduta impecável, sempre atrelada a higiene, à sutileza e a alegria, permitiriam o bom convívio em sociedade.

Palavras Chaves: Beleza, Normas, Manual de Conduta, Corpo.

-
- 1 Discente da Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Graduada em Bacharelado pela Universidade Federal de Campina Grande (2015). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3677148556910613>.
 - 2 Orientador da Discente. Possui graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (1994), mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1997), doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2002) e pós-doutorado em História das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz - Rio de Janeiro. Possui dedicação exclusiva da Universidade Federal de Campina Grande. Coordenador do Curso de Mestrado em História da UFCG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6085569185105786>.



INTRODUÇÃO

Em manuais de condutas escritos nas décadas de 50 e 60 pela Editora Ediouro e relançados nos anos subsequentes pela mesma editora, eram estipuladas normas de condutas geralmente pensadas para perpetuar o que era compreendido por bons hábitos pelos seus autores. Aqui nesta pesquisa buscamos pensar um manual especialmente, “Aprenda as Boas Maneiras” escrito por Dora Maria (1961), nele analisaremos como foram desenhadas normas em referência à beleza feminina, o que era compreendido como belo? De que modo eram representadas as normas?

E neste íterim, pensar a felicidade ao fazer parte de um padrão fomentado. Ou seja, “o conjunto de atributos mais ou menos louváveis nos hábitos, nas atitudes, no comportamento, é que dão a cada um, caráter exclusivo, fazendo com que se coloque bem ou mal entre os seus semelhantes.” (MARIA, 1958: 147) Ser bela, elegante, chique, deslumbrante, enfim, eram objetivos a serem alcançados pelas leitoras destes manuais. Neste sentido, eram representadas normas e condutas neles explicando o que era preciso fazer.

Os manuais de boas maneiras, antes de serem um meio facilitador para um melhor modo de convivência para a sociedade, são também, o conjunto de modelos de condutas elaborados por segmentos sociais e que refletem uma “boa personalidade” de uma pessoa que fora “bem criada e educada”. Essas características representam qualidades muito superiores para Dora Maria à própria beleza externa, visto que se refere às relações afetivas entre os gêneros, pois a imagem do corpo modifica-se com o tempo.

O refinamento dos gestos, o traquejo social, o bom gosto, a personalidade bondosa e o caráter sólido eram tão ou mais valorizados pelos homens do que a própria aparência, segundo o que se podia ler explicitadamente nos artigos que indicavam os caminhos para uma conquista amorosa bem-sucedida. (SANTOS, 2011: 112)

Neste sentido, no jogo da sedução, os valores, comportamentos e a beleza são determinados em função do olhar o outro, entretanto, não eram suficientes, nas trocas afetivas também requerem-se “personalidade bondosa”, “caráter sólido”, dentre outras características que encontram-se nas subjetividades das pessoas. No jogo das aparências aos quais os manuais de condutas eram os juízes, os participantes deveriam saber jogar, desta forma estratégias eram sugeridas, não bastava apenas se embelezar por meio de maquiagens e outros acessórios, precisava-se saber ser bela.



Para tanto, saber como se comportar perante a sociedade era substancial para que a mulher (leitora) das décadas de 50 e 60 conquistasse a admiração das pessoas que as circunscrevesse. Dora Maria propõe a seu leitor um modo mais fácil de atingir este objetivo, basicamente o indivíduo adotaria com mais vigor as boas maneiras se nele fosse encontrado uma certa característica específica:

Há uma qualidade pessoal capaz de, não apenas facilitar os meios de “cura” das citadas deficiências, mas, ainda, de modificar inteiramente o aspecto das mais embaraçosas situações: a Alegria. A alegria, que pode ser manifestada por um simples sorriso, ajuda-nos a viver em sociedade e muitas vezes – ajuda a viver felizes os que vivem sozinhos. (MARIA, 1961: 150)

Numa explicação ao leitor expondo quais eram as práticas de convivência que mais faziam mal as pessoas, Dora Maria cita várias, dentre as quais “falsa humanidade”, “soberbia”, “indiscrição” e “falta de vontade”, compreendidas no manual *Aprenda as Boas Maneiras* como “deficiências”, estas características deficientes comprometem o bem-estar da sociabilidade. No entanto, como solução a estas ditas deficiências, Dora Maria compreende que a alegria faz bem não só a quem pratica, como também a quem recebe. Torna as situações vividas mais fáceis para ambas as partes, em suma, é uma forma simples de começar a aprender a tratar o outro. Nos sorrisos às vezes comportam mais felicidade do que seu desenvolvedor possa imaginar, visto que eles podem trazer alegria a seus recepcionadores também.

A beleza, em consequência disto, é muito mais do que se é exposto no corpo, também concerne aos sentimentos, ao que está por dentro. Uma mulher feliz, é uma mulher bela. Uma mulher que está feliz com a sua vida, estará feliz com seu corpo. Desta forma, pensar a etiqueta é muito mais do que vivenciar regras de conduta pré-determinadas de como agir em diversas situações; etiqueta é primeiramente intrínseca, subjetiva, os manuais ajudam ao leitor indicando possíveis soluções, modelos de conduta, enfim, mas não determinam ou modificam personalidades.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pretendemos pensar a beleza e conseqüentemente as sensações de felicidade e/ou tristeza descritos nos manuais de condutas obtidas através das representações textuais. Para tanto, utilizaremos os conceitos de leitura e representação das fontes de Chartier, no sentido de que mediante a leitura desses manuais e subsequentes representações discursivas ao desejo de



subjetivações das normas, a mulher leitora teria a possibilidade de pensar suas práticas, inclusive as referentes a beleza. Para isso, pensemos um pouco o contexto da época:

No Brasil, mais precisamente nas décadas de 50 e 60, homens e mulheres em seus cotidianos, de acordo com o frenesi dos tempos modernos, mergulhavam-se sob a influência do “novo”, viviam uma nova cidade, cada vez mais agitada e corrida; isto deveu-se a muitos fatores, dentre os quais, o crescimento populacional e dos centros urbanos, posteriormente oferecendo uma maior oferta de serviços³, lojas comerciais e opções de lazer⁴.

A década de 50 entra no cenário do povo brasileiro intitulada como “Anos Dourados” e logo passa a fazer jus a esta característica, principalmente para aqueles que vivessem nos grandes centros urbanos, que acompanharam o agito e a velocidade dos novos veículos, das vitrines recheadas de produtos seguindo tendências do estrangeiro (desde dos Estados Unidos à Europa, principalmente França - Paris), além da presença e desejo dos novos eletrodomésticos que prometiam vidas mais fáceis para as mulheres e certa praticidade obtida através de produtos industrializados, inclusive alimentícios.

Na época, saber como conduzir a vida pessoal e a profissional não parecia ser uma tarefa fácil, principalmente diante deste cenário de modernização⁵, sob as perspectivas difundidas pelas “máquinas tecnológicas de informação e de comunicação” (GUATTARI, 1994) e das normas “vários outros contos começaram a ilustrar mulheres belas, sobretudo porque não eram donas de casa, dependentes do marido. Diante delas, que pareciam manequins saídas de uma capa de revista, a beleza das outras corria o risco de parecer feiura” (SANT'ANNA, 2014: 116).

Nessa perspectiva, as famigeradas *femme fatales*⁶, apareciam com certa frequência e traziam consigo novidades às mulheres das de 50 e 60, elas aprendiam sobre conhecer e mostrar mais de sua

3 E conseqüentemente, abrindo espaço à figura feminina para inserção no mercado de trabalho.

4 Havendo evidentemente as diferenciações de localidades para localidades e suas subsequentes proporções e poderes aquisitivos.

5 A esse respeito, verificar ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo, Brasiliense, 1988, 222 p.

6 Trata-se de um estereótipo muito retratado na literatura e no cinema de mulheres que, de forma geral, são extremamente sensuais, e deste modo, são capazes de conseguirem tudo o que querem, principalmente em sua relação quanto ao sexo oposto.



sedução depois de virem a tona personagens como *Marylin Monroe*⁷, que a posteriori levariam à fama mulheres como *Twiggy*⁸ e *Mylène Demongeot*⁹, que inclusive, esta última afirmou: “não é mais importante para o público ver uma estrela sensual e glamourosa, imaculadamente bem arrumada com todos os fios de cabelo no lugar certo. Odeio os cabelos penteados de modo artificial”. (apud, SANT'ANNA, 2014: 111) Em outras palavras, os padrões de beleza sofriam alterações recorrentes: As carnudas estrelas dos anos 50, como *Marilyn Monroe*, *Sophia Loren* ou *Anita Ekberg*, foram substituídas, nos 60, por criaturas esquiladas. Para qual modelo? Certa *Twiggy*, uma inglesa sardenta e seus epígonos: *Kate Moss*, *Claudia Schiffer*, entre outras. (DEL PRIORE, 2000: 89) No Brasil, a década de 50 deu visibilidade às vedetes, desta forma eram chamadas as atrizes que se sobressaíam no teatro de revista, e que posteriormente, eram os grandes símbolos de beleza, *Anilza Leoni* foi uma delas, assim como *Carmem Verônica*, consideradas como uma das mais belas e cobiçadas moças do país.

Manter-se bela na década de 50, principalmente para aqueles que faziam parte da juventude de classe média da época nos espaços urbanos, caracterizava-se pelo estilo *sex appeal*, que em outras palavras significa um modo mais confortável e prático de se vestir, de certa forma “rebeldes sem causa” mascando chicletes e possuindo um vocabulário cheio de gírias e expressões da língua inglesa (provavelmente repercussão do sucesso do *James Dean*), o perfil exigido pela moda da época ia em determinados momentos contra o exagero, inclusive quanto aos produtos de beleza.

Neste sentido, manuais de condutas explicavam modos de serem consideradas elegantes, chiques e bonitas às senhoras sem necessariamente precisarem recorrer ao exagero expostos nos folhetins dos artistas que faziam sucesso na época, por meio da cortesia, qualquer pessoa “será notada, seja pobre ou rica branca ou preta, moça ou velha.” (1961: 31) A apresentação e representação do sujeito é substancial para a subjetivação do belo, posteriormente, “o cuidado nas roupas é de grande importância: se você usa uniforme, traga-o sempre limpo e bem-cuidado, verificando sempre a falta de botões.” (1961:31) Beleza, de acordo com as normas nos manuais de condutas, está intrinsecamente veiculada a higiene. Os cuidados de si nos manuais de conduta

7 Foi uma atriz, cantora e modelo norte-americana entre as décadas de 40 a 60. Considerada pela mídia como um dos símbolos sexuais até hoje, dona da famosa imagem da loira de vestido branco que voa com os ares da tubulação novaiorquino.

8 Seu nome verdadeiro é Lesley Lawson, é uma modelo, atriz e cantora britânica. Famosa pelos seus cabelos loiros e curtos, e imensos olhos realçados com camadas de rímel e cílios postiços.

9 Amor e produtora de cinema. Conhecida pelos seus cabelos loiros esvoaçantes, sensuais e provocantes. Destacou-se em filmes franceses como *Amor em Roma*.



geralmente são primeiramente veiculados a higiene, visto que, a apresentação de uma pessoa cuja atividades higiênicas estão em dia, causam uma boa impressão ao outro, e conseqüentemente, a boa impressão está vinculado nos manuais ao ser belo.

No mercado de trabalho, o cuidado deve ser redobrado. Dora Maria aconselha o seguinte: “As moças apresentam-se no escritório, usando saia e blusa, sem artifícios exagerados de maquiagem e não penteadas como se fossem a uma festa.” (1961: 35) Neste caso, não é porque se tem dinheiro para comprar mais artefatos de beleza que se deve apresentar-se frequentemente embelezada por eles, no trabalho, a conduta deve ser séria, inclusive ao que corresponde a maquiagem, principalmente pelo fato de lidarem com a presença masculina constante e para, deste modo, reduzir os olhares sedutores sobre elas.

Desta forma, Dora Maria aconselha: “Moças e senhoras que desempenham funções fora de casa, lembrem-se disto: seu local de trabalho deve ser encarado apenas como tal e assim como o eu próprio lar, merece o máximo de respeito, demonstrando por conduta irrepreensível diante de seus chefes e colegas.” (1961: 35) A beleza aqui está veiculada as subjetivações dos outros sobre os corpos femininos, não necessariamente, a da mulher e o desejo pelo belo. No espaço de trabalho isso é mais visível, pois nesse espaço, ela deve se preocupar constantemente com as impressões que causará aos seus companheiros de trabalho e seu chefe, não se trata, dessa forma, de maquiar-se para ir bonita ao trabalho, mas de maquiar-se para causar uma boa impressão aos companheiros.

As normas estipuladas sobre os corpos femininos em detrimento ao espaço do trabalho eram rígidos, “à mulher não se admite em qualquer hipótese o menor descuido relacionado ao seu corpo ou às suas vestes, seja no trabalho, ou fora dele.” (1961: 31) Mediante a pressão sobre os corpos femininos em detrimento aos cuidados de si, os cosméticos de beleza emergiam com discursos promissores e milagrosos, como produtos de conquista e inovação advinda da modernização, e logo mais, com a frequente divulgação desses produtos na mídia, eles se tornariam uma necessidade para as mulheres da década de 50, atentando-se aos cuidados necessários ao manuseá-los.

Não é a roupa que diminui a idade, pois uma mulher em plena maturidade pode possuir uma aparência de adolescente, se tiver um rosto jovial, sem o exagero de pintura que vulgariza a pessoa, um corpo ereto, uma voz agradável, um andar natural, ao passo que uma mocinha parecerá realmente envelhecida, se usar pintura nos olhos e nos cabelos e modelos demasiado avançados para a sua idade. (MARIA, 1961: 148-149)



A representação da beleza nesta fala é vasta. Vejamos. O “rosto jovial” mencionado remete novamente à questão da felicidade mencionada acima, a qual, uma mulher feliz, é uma mulher bela; a vulgarização da pessoa em detrimento ao exagero da pintura é um assunto recorrente em manuais de condutas, tendo em vista que os exageros causam impressões pelas quais as normas estabelecidas nestes dispositivos são contra; a despeito da postura ereta, assim como o “andar natural”, remete também a autoestima, a mulher cujo ego estiver elevado terá mais autoconfiança, saberá apresentar-se sem medo de ser cortês e “bem educada”; a “voz agradável” corresponde a cortesia, uma mulher que souber se posicionar sem a necessidade de aumentar a voz, aparentando gentileza e cordialidade, será sempre bem vista pelos seus.

A pudicícia implícita nas normas recomendadas, em detrimento aos cuidados para com os excessos, demonstra a linha tênue entre o cuidado para consigo mesma que a mulher deveria ter e a modernização advinda das máquinas tecnológicas de informação e de comunicação, sendo assim, não poderiam deixar de usar a maquiagem, pois a feiura¹⁰ já se considerava injustificável, mas também não poderia usar em excesso, para não ferir a moral e os bons costumes da sociedade brasileira segundo *Aprenda as Boas Maneiras*. Em consequência disto, caberia a mulher, aderir a moda da forma mais aconselhável: “Obedecendo a estas pequenas normas, onde quer que esteja colocada em idade, estado social e financeiro, a mulher contribuirá com sua boa aparência para que se destaque em personalidade, no seu meio.” (MARIA, 1961: 149)

Tendo em vista que a história é feita pelas significações atribuídas aos eventos e as coisas poderíamos pensar que “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 2003: 20). Desta forma, aquele que lia os manuais de conduta, já possuía suas representações acerca de pudor, moda, etiqueta, etc., entretanto, após a leitura os conceitos pré-estabelecidos poderiam sofrer rupturas ou serem ainda mais cristalizados. Segundo Chartier, os textos não têm sentido estável, universal, imóvel, mas são construídos na negociação entre uma proposição (do autor) e uma recepção (do leitor), no encontro entre as formas e os motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou as expectativas do público que deles se apropriam.

10 A feiúra, hoje tão universal quanto no passado, não tem história. Tampouco se escreveu a história da solidão e da dor, suas consequências mais imediatas. Há séculos, os feios servem de bode expiatório a sociedades muito seguras de suas verdades e do discurso de suas elites. (DEL PRIORE, 2000: 79)



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Por exemplo, em detrimento a moda, Dora Maria aconselha a melhor forma de vestir-se, mas não no sentido de qual moda está em vigência ou sobre os padrões estabelecidos para a época, mas no que concerne ao jeito de se vestir:

Já o elemento feminino, se obriga a obedecer inúmeros outros detalhes, pois comumente são as mulheres escravas da moda. Mas, entretanto, a uma mulher inteligente, não se permite adotar qualquer característica da moda, pois os feitios, as tonalidades e as colocações, variam de acordo com cada tipo. (idem, 1961: 148)

A imagem subsequente Dora Maria cristaliza sua fala através de um exemplo modelístico a uma “mulher inteligente”. Cabe ressaltar uma série de indícios sobre o que os manuais consideram como belo, percebe-se a vestimenta da senhora, sua postura, o modo pelo qual ela prende o lenço em sua cabeça, a forma pela qual ela posiciona as mãos, o jeito a qual segura a bolsa, todas essas observações nos faz lembrar da elegância que a mulher brasileira deveria se ater. A boa performance percebida pela forma como se comporta, fazem circular a impressão de boas maneiras e refinamento. Haja vista que, os “cuidados de beleza, estão ligados aos de ordem e disciplina pessoal, pois da reunião dos mesmos resulta a mulher elegante”. (ibidem, 1961: 149)

Foto 6: MARIA, Dora, 1961: 46.



Resulta-se à exclusão de boa recepção da figura feminina àquelas que não atendessem as normas e conselhos erigidos pelo manual. Ser sujeitada a solidão é pertinente, diante a análise discursiva, se uma mulher que pretende adentrar a um novo espaço seja o de trabalho ou os espaços de lazer, mas que não sabe se comportar como a sociedade exige, logo, será excluída dos grupos de conversa, do bom olhar das outras perante sua imagem, a boa senhora tem o “dever” de portar-se da elegância acaso quisesse ser bem requisitada e, para tanto, precisava seguir as normas. Pois, “obedecendo a estas pequenas normas, onde quer que esteja colocada em idade, estado social e



financeiro, a mulher contribuirá com sua boa aparência para que se destaque em personalidade, no seu meio. (1961: 149)

CONCLUSÃO

Posteriormente, é muito relativo o uso do manual de conduta: as suas finalidades determinadas pelos leitores, os entendimentos e significações atribuídos ao texto. É pertinente destacar que a leitura tem uma história e que a significação dos textos depende das “capacidades, das convenções e das práticas de leitura próprias às comunidades que constituem, na sincronia ou na diacronia, os seus diferentes públicos” (CHARTIER, 2006: 35). Desta forma, os manuais de conduta são, modos de expressão da linguagem e de pensamento, sistemas construtivos das realidades, dos modelos de conduta, sendo, portanto, produtos materiais da mediação entre as realidades pessoais e sociais. Não somente os manuais, como também a mídia e propaganda, vitrines de lojas de moda, os eletrodomésticos, todos os produtos que acompanharam a modernidade, podem ser compreendidos como remodeladores do comportamento, remodeladores dos novos tempos.

Acompanhou a invenção do batom, em 1925, do desodorante, nos anos 50, cortou o cabelo *à la garçonne*, gesto sacrílego contra bastas cabeleiras do século XIX. O aprofundamento dos decotes levou a aderir à depilação. O espartilho, graças ao trabalho feminino nas fábricas, diminuiu e se transformou em *soutien* para possibilitar uma maior movimentação dos braços. “Manter a linha” tornou-se um culto. A magreza ativa foi a resposta do século à gordura passiva da *belle époque*. O *jeans* colado e a minissaia sucederam, nos anos 60, ao erotismo da mão na luva e das saias no meio dos tornozelos característicos dos anos 20. Com o desaparecimento da luva, essa capa sensual que funcionava ao mesmo tempo como freio e estímulo do desejo, surgiu o esmalte de unhas. (DEL PRIORE, 2000: 9-11)

Mary Del Priore resumiu os novos ditames alcançados pela história da moda, o que era passado e modificou-se para o presente. O que a mulher ideal deveria utilizar para ascender sua beleza? As mulheres eram frequentemente convidadas a conhecer os novos padrões de beleza, adequando seus comportamentos às necessidades da sociedade de consumo emergente. Consequentemente, “menos do que um dom, a beleza foi interpretada como o resultado de uma conquista individual, um trabalho que não tem hora nem lugar para começar ou para acabar.” (SANT'ANNA, 2014: 119)

A história da beleza perpassa a história da mulher no seu encontro com o trabalho fora de casa, transmitindo assim, à boa senhora meios de se posicionar diante de seus colegas de trabalho sem perder a classe e a feminilidade, visto que para transmitir força e autonomia, a mulher não precisaria necessariamente perder seu lado feminino, muito pelo contrário, em muitos momentos



podem ter sido empregadas mulheres ao invés de homens, justamente por causa de sua feminilidade, visto que para determinados trabalhos as características geralmente atribuídas ao sexo feminino são muito necessárias, por exemplo, paciência, sutileza, graça, enfim, ser mulher feminina não era empecilho para aquela que quisesse trabalhar fora, e se bem empregado a elegância.

Estas mulheres que decidiam enfrentar a vida do mercado de trabalho, deveriam preparar-se para enfrentar uma alta carga horária, tarefas menos especializadas e a má remuneração. Passavam por muitas situações hostis, desde a variação salarial, intimidação física, desqualificação intelectual e assédio sexual. A mulher que trabalhasse poderia representar uma ameaça à honra feminina, principalmente as operárias que eram as mais mal vistas¹¹.

Como já colocou Sennett, “independência e autonomia só despertam quando há alguma impureza, dificuldade e obstrução, como partes da sua própria experiência. (...) O corpo só se torna vivo ao lidar com dificuldades e superá-las.” (SENNETT, 1994: 254) Daí que diante de todas essas dificuldades em complexidades que poderiam ser atribuídas ao trabalho, as boas condutas expressadas nos manuais faziam transitar modos de fugir dessa realidade hostil para gradualmente construir um modo de conviver, com mais respeito. A elegância feminina e a conduta impecável, sempre atrelada à higiene, à sutileza e à alegria, permitiriam o bom convívio em sociedade.

REFERÊNCIAS

BIOGRAFIA – James Dean. Disponível em: <<http://www.jamesdean.com/about/bio.html>> Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

CHARTIER, Roger. A “nova” história cultural existe? In: LOPES, Antônio H.; VELLOSO, Monica P.; PESAVENTO, Sandra J. *História e Linguagens*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

_____. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

11 Para saber mais, ler: RAGO, M. **Adeus ao feminismo?** Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. Cadernos AEL, n. 3/4, 1995/1996. <http://www.ael.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/151/152> Acesso em 19 de junho de 2014.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher:** Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARIA, Dora. **Aprenda as Boas Maneiras.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1961.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Lúcia Noêmia. **Brotinhos e seus Problemas:** Juventude e Gênero na Imprensa Fortalezaense da Década de 1950. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

